



AN

JOINVILLE
ANO 95 Nº 27.994
OUTROS CDDDD- R\$ 4,00
R\$ 3,00

TERÇA-FEIRA
23 DE OUTUBRO DE 2018



SAÚDE

Doação de órgãos no Estado cresce 87% em uma década

Joinville realizou 30% do total de 864 transplantes feitos em Santa Catarina entre janeiro e setembro. Convencimento de famílias é o desafio. **Páginas 6 e 7**

FINANÇAS

DÍVIDAS QUITADAS EM ATÉ SETE ANOS

Prefeitura de Joinville prepara novo programa para incentivar população a colocar débitos em dia

Jefferson Saavedra, 2 e 3

Márcio Barz Müller faz parte da equipe de vigilância ambiental do município



FOCO NO MOSQUITO

Chegada do calor faz Joinville aumentar cuidados para evitar proliferação do *Aedes aegypti*

Página 13



AS PROPOSTAS PARA REDUZIR O DESEMPREGO

Presidenciáveis apresentam estratégias econômicas

Páginas 10 e 11

ECONOMISTAS DO PT E DO PSL SE ALFINETAM

Discussão ocorreu durante debate ao vivo em rádio

Página 8

ECONOMIA

SOLUÇÕES PARA MELHORAR A LOGÍSTICA DOS NEGÓCIOS

Durante feira, 80 marcas mostram produtos e serviços voltados ao setor

Claudio Loetz, 22 e 23

SAÚDE

NÚMERO DE TRANSPLANTES CRESCER 86% EM SC

LEVANTAMENTO DOS ÚLTIMOS dez anos da central estadual dos procedimentos mostra que Estado fez 1.217 cirurgias em 2017, contra 654 em 2008

LUAN MARTENDAL

luan.martendal@somosnsc.com.br

Santa Catarina contabilizou 864 transplantes de órgãos e tecidos de janeiro a setembro de 2018. O bom resultado indica que até dezembro a marca dos mil transplantes deve ser superada pelo oitavo ano seguido no Estado, hoje referência nacional em doações de órgãos. Parte importante dessa conquista deve-se a atuação de equipes hospitalares de Joinville, que lideraram 257 dos quase 900 transplantes reportados nos últimos nove meses em solo catarinense.

A marca consolida ainda o esforço dos profissionais do setor

para manter em alta o número de transplantes no Estado, que na última década aumentou 86% de acordo com dados da Central Estadual de Transplantes. Em 2017, foram efetivadas 1.217 cirurgias do gênero e, em 2008, 654.

Segundo Joel de Andrade, coordenador da SC Transplantes, a evolução dos números é explicada pela adoção de uma política estadual na área nos moldes do sistema da Espanha, considerado um exemplo positivo mundial. Dentre as adaptações da política espanhola está a inserção de coordenadores hospitalares e profissionais de saúde que buscam por doações dentro da instituição nos casos em que é constatada a morte encefálica. O altruísmo dos catarinenses também é propulsor da causa.

– O “sim” à doação de órgãos significa para quem espera por um transplante uma chamada de esperança. Quem aguarda um coração, fígado ou pulmão, tem uma corrida contra um relógio que marca a morte nos meses ou nos poucos anos que vem à frente. Então, transplantar é renas-

cer. Esse “sim” também significa que muitos catarinenses mesmo na fase aguda da perda podem sublimar a dor e demonstrar uma solidariedade sem precedentes – destaca.

CAPACITAÇÃO É PONTO FORTE

Citando como exemplo as equipes de Joinville, reconhecidas principalmente pela experiência devido ao tempo de atuação na área (alguns profissionais somam mais de 15 anos de carreira na área de transplantes), o especialista aponta outro viés forte para a crescente nos números: a educação.

De acordo com ele, Santa Catarina investe mais de meio milhão de reais por ano na capacitação de profissionais de saúde para que possam cumprir as funções básicas desse processo que passa pela detecção do potencial doador; confirmação e documentação adequada de morte encefálica; triagem e manutenção do potencial doador; e entrevista familiar. Esta última, considerada a etapa mais difícil

de ser feita e que é ponto forte nos hospitais joinvilenses.

O Hospital Municipal São José de Joinville, por exemplo, serve de modelo estadual por apresentar a maior taxa de sucesso nas conversões de potenciais doadores à efetivos nos casos por morte cerebral. No ano passado a instituição efetivou 28 doações de órgãos em situações como essa e, neste ano, mantém a liderança com 22 efetivações dentre 37 notificações de morte encefálica. Outra referência é o Hospital Santa Isabel, de Blumenau, com os 22 transplantes realizados dentre 31 potenciais doadores.

– O que leva o São José a ser esse referencial é a equipe, que trabalha muitos anos com a doação de órgãos. Nossa comissão hospitalar de transplantes há muito tempo recebe profissionalização e já pegou essa sensibilidade de acolher bem as famílias num momento de tanta dor e a família quando bem acolhida ela será doadora – considera Ivonei Bittencourt, da Comissão Hospitalar de Transplantes do Hospital São José.

Recusa de famílias ainda é a maior barreira

Apesar do avanço sentido na última década, ainda há muito a ser feito para que o Estado atinja o nível de efetividade do programa espanhol, onde a taxa de não-autorização é de 12%. Em Santa Catarina, das 427 mortes encefálicas informadas em 2018, 204 resultaram em doações efetivas e 223, não – 120 delas devido à recusa da família, pouco mais da metade do total.

– A gente tinha no final de 2007 mais ou menos 70% de não autorização familiar. Ou seja, sete de cada dez famílias entrevistadas diziam “não” à doação. E hoje são três de cada dez. Isso é resultado de muito treinamento, de técnicas de comunicação ensinadas aos profissionais de Saúde – defende o coordenador da SC Transplantes, Joel Andrade.

No entanto, o entendimento é que o “não” à doação, nesses casos é justificável porque as famílias são abordadas momentos

após perderem um ser que amavam e “ainda estão em processo de luto e negando a realidade”. Continuar investindo nesse processo é tido como fundamental para manter em queda o índice de recusa estadual.

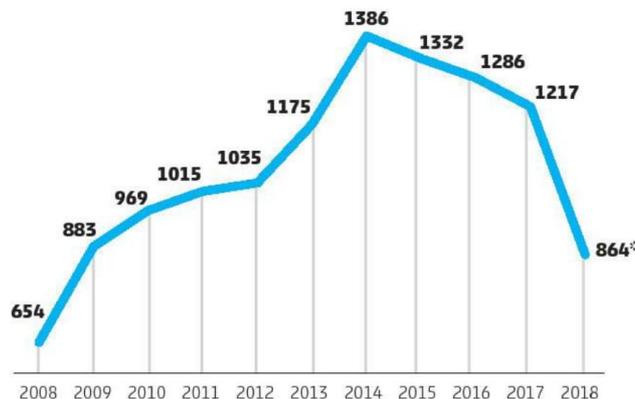
– Se em algum lugar do mundo conseguem atingir a média de 12%, a gente também é capaz de fazer, mas é preciso educar mais os profissionais de saúde. Existe o preconceito, existe o desconhecimento, mas não se pode esperar que uma dada população de qualquer região do mundo tenha pleno conhecimento e ausência de preconceitos em relação a um processo que é pouco claro até para os profissionais – analisa.

Andrade ainda reflete:

– Então, se a gente tem recursos para investir, treinar os profissionais e ter a possibilidade de esclarecer as famílias no momento mais cru em que tudo acontece, é isso que vamos fazer.

EVOLUÇÃO NO NÚMERO DE TRANSPLANTES EM SC

Procedimentos realizados ano a ano no Estado



* Dados até setembro

FONTE: SC Transplantes - Central Estadual de Transplantes de Santa Catarina

QUAIS ÓRGÃOS PODEM SER DOADOS?

CÓRNEAS

Tempo para a retirada: seis horas.
Tempo para o transplante: 14 dias (o tecido pode ser armazenado no Banco de Olhos).
Idade limite para a doação: de dois a 80 anos.
Idade limite para o transplante: não há.
Tempo que pode ficar fora do corpo: sete dias.

CORAÇÃO

Tempo para a retirada: antes da parada cardiorrespiratória.
Tempo para o transplante: quatro a seis horas.
Idade limite para a doação: 55 anos.
Idade limite para o transplante: 55 anos.
Tempo que pode ficar fora do corpo: 6 horas.

PULMÕES

Tempo para a retirada: antes da parada cardiorrespiratória.
Tempo para o transplante: quatro a seis horas.
Idade limite para a doação: 55 anos.
Idade limite para o transplante: 55 anos.
Tempo que pode ficar fora do corpo: 6 horas.

PÂNCREAS

Tempo para a retirada: antes da parada cardiorrespiratória.
Tempo para o transplante: 12 a 24 horas.
Idade limite para a doação: 50 anos.
Idade limite para o transplante: 50 anos.
Tempo que pode ficar fora do corpo: 24 horas.

FÍGADO

Tempo para a retirada: antes da parada cardiorrespiratória.
Tempo para o transplante: 13 a 24 horas.
Idade limite para a doação: 70 anos.
Idade limite para o transplante: 70 anos.
Tempo que pode ficar fora do corpo: 24 horas.

RINS

Tempo para a retirada: 30 minutos após a parada cardiorrespiratória.
Tempo para o transplante: 12 a 24 horas.
Idade limite para a doação: 75 anos.
Idade limite para o transplante: 75 anos.
Tempo que pode ficar fora do corpo: 48 horas.

OSSOS

Tempo para a retirada: seis horas.
Tempo para o transplante: quatro a seis horas.
Idade limite para a doação: 65 anos.
Idade limite para o transplante: 65 anos.
Tempo que pode ficar fora do corpo: 5 anos.

Fila de pacientes na espera é menor, mas longe do zero

O total de pacientes em lista de espera em Santa Catarina chegou a 468 em setembro de 2018. O número é ligeiramente menor do que a fila de 1.688 pessoas que aguardavam por um transplante em 2010 e está abaixo do registrado no ano passado, de 555 pacientes. Em dados consolidados, significa que nos últimos oito anos houve queda de quase 70% na lista de espera por um órgão entre o fim da década passada e 2017.

De acordo com a SC Transplantes, existe a possibilidade de zerar as filas nos casos que envolvem transplantes de tecidos. Já nas situações em que o procedimento envolve os órgãos, o índice zero é quase inatingível, já que mesmo que a cada dia sejam realizados novos transplantes, novos pacientes com necessidade de operação surgem.

– Em nenhum lugar do mundo existe fila zero de órgãos. O que existe são filas equilibradas ou uma leve decrescente como é a nossa. As nossas filas deveriam ser um pouco maiores do que são e, talvez, esse decréscimo venha por dois caminhos: nossa competência em gerar as doações e conseguir fazer os transplantes – explica Joel de Andrade, coordenador da SC Transplantes.

Uma das falhas ainda existentes está em não dar acesso para que mais catarinenses que precisam do transplante entrem na lista de espera. Para melhorar esse processo, a aposta do governo estadual está na implantação de um programa de expansão dos centros de transplantes no Estado.

Hoje a maior fila de espera por um órgão em Santa Catarina é do rim (314), seguido de córnea (78) e medula óssea (60). A redução da principal lista de espera no Estado também conta com aju-

ATÉ SETEMBRO

Lista de espera por órgão em Santa Catarina

314	rim
60	medula óssea
78	córnea
15	fígado
1	rim/pâncreas
0	coração

da vinda de Joinville por meio da Fundação Pró-Rim, instituição filantrópica líder em transplantes renais em Santa Catarina. Com mais 30 anos de existência a instituição já contabiliza mais de 1,6 mil transplantes realizados.

EPIDEMIA SILENCIOSA

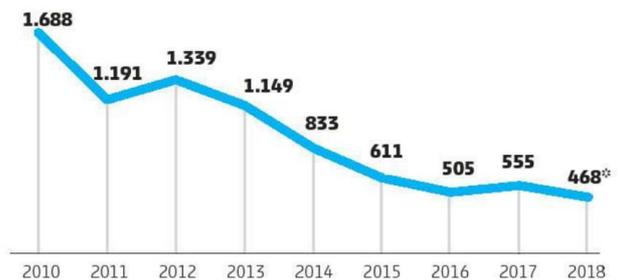
De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Nefrologia, a doença renal é uma epidemia silenciosa que mata tanto quanto o trânsito e os homicídios. Segundo o nefrologista Marcos Alexandre Vieira, presidente da Pró-Rim, os pacientes necessitam fazer hemodiálise ou, posteriormente, o transplante, quando os rins param de filtrar o sangue e têm funcionamento abaixo de 10% da capacidade.

Conforme o médico, a instituição realiza de 80 a 120 transplantes por ano em parceria com o Hospital São José de Joinville e o tempo de espera pelo procedimento varia, mas leva, em média, de seis meses a dois anos. A taxa de sucesso dos transplantes no Estado 'é semelhante aos melhores serviços do Brasil e do mundo'.

– A taxa de sobrevivência é de mais de 97% para os pacientes em que o doador está vivo e superior a 90% nos pacientes em que órgão era de um doador falecido – destaca.

TOTAL DE PACIENTES EM LISTA DE ESPERA EM SC

Número de pessoas que aguardam órgãos



* Dados até setembro
Fonte: SC Transplantes

AMANHÃ: confira histórias de quem ganhou uma nova perspectiva de vida após a doação de órgãos